

48 JUL 1990

# Cidadão Sarney volta ao Pericumã

(Continuação da primeira página)

Sarney tem evitado receber jornalistas e acha que já se expôs demais. Foi numa conversa na tarde de segunda-feira, com um amigo, que expressou suas dúvidas quanto à oportunidade de voltar tão depressa à política. "Talvez eu não devesse ter me lançado nessa nova jornada", disse. De qualquer forma, o ex-presidente também contabiliza uma forte razão para a volta aos palanques — a *traição* perpetrada por seu ex-aliado no Maranhão, o ex-governador Epitácio Cafeteira. A atitude de Cafeteira, de romper um acordo costurado quando Sarney ainda estava no poder, teria precipitado, segundo o raciocínio do ex-presidente, sua tentativa de sobrevivência política pelo Amapá.

Encostado numa cerca de madeira, Sarney parece não se incomodar com o barulho ruidoso de um trator Valmet 80 que carrega feno. Só desvia a atenção da conversa ao ser saudado por um dos soldados da Polícia Militar brasiliense — uma das poucas regalias de um ex-presidente, destinada a garantir sua segurança. Em meio à vastidão do cerrado, sem espectadores e cercado das vacas que se espalham pelo pasto, o soldado De Souza presta

uma reverência ao alto posto ocupado por seu chefe até outro dia — e lhe bate uma discreta continência.

**Projetos** — Cento e vinte e quatro dias depois de ter descido pela última vez a rampa do Palácio do Planalto, Sarney já concluiu alguns projetos. Terminou de datilografar 250 páginas de suas memórias. O livro termina com sua posse na Presidência. "Os hindus já diziam há milhares de anos: o que não se escreve não existe", afirma.

Seu novo trabalho será um livro sobre política internacional. O ex-presidente procurará retraçar a geografia do poder no mundo em seus cinco anos de governo e narrará alguns episódios que protagonizou. A rotina do cidadão Sarney não lembra as glórias do passado. Acorda todos os dias às seis horas da manhã e não dorme antes de meia-noite. Preenche seu tempo, quando não está envolvido em articulações políticas, com a leitura. No Pericumã, são poucas as companhias. Sentada numa cadeira de couro e à frente da mesa rústica da sala de jantar na sede do sítio — uma casa de três quartos e cerca de 100m<sup>2</sup> de área —, a ex-primeira-dama Marly, envergando um *jogging* azul celeste, está satisfeita. "Nossa casa tem cara de casa", diz ela.

**Nova geração** — Outro ex-poderoso passeia pelo sítio, a bordo de uma *pick-up* vermelha: de camiseta azul, Jorge Murad, o ex-genro de Sarney, estaciona o carro em frente ao curral. O ex-presidente já colheu 12 mil sacas de soja este ano — uma lavoura cujos preços oficiais estão fixados 40% abaixo do mercado. Prepara-se para colher os campos de milho. Sobre política, Sarney prefere não falar e surpreende quando não esconde sua admiração por algumas medidas tomadas pelo sucessor, o presidente Fernando Collor de Mello. "Ele faz parte de uma nova geração", afirma.

Mesmo no ambiente bucólico que escolheu para viver, Sarney ainda é interrompido, vez por outra, por apelos que, definitivamente, não acontecem na vida de um cidadão comum. Na segunda feira, o telefone tocou, a certa altura, na solidão do Pericumã. Era o secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, que, de Nova Iorque, convidava-o para participar de uma conferência patrocinada pela instituição. Ontem, depois de retornar de uma vistoria à plantação de milho, sempre com a vareta de madeira em punho, Sarney dizia que ainda estava indeciso sobre se aceitaria ou não o convite. (M.R.)